

# DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE

Corre sem vela e sem leme  
O tempo desordenado,  
Dum grande vento levado:  
O que perigo não teme,  
É de pouco experimentado.  
As rédeas trazem na mão  
Os que rédeas não tiveram;  
Vendo quanto mal fizeram,  
A cobiça e ambição  
Disfarçados se acolheram.  
(Luís de Camões)

É que tem mais chão nos meus olhos  
do que cansaço nas minhas pernas,  
mais esperança nos meus passos  
do que tristeza nos meus ombros,  
mais estrada no meu coração  
do que medo na minha cabeça.  
(Cora Coralina)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marina Cezar<sup>1</sup>

---

Face aos vertiginosos avanços dos recursos tecnológicos, a discussão sobre o papel do livro, e consequentemente da leitura, vem cada vez mais tomando novos rumos na sociedade. Muitos preconizam a morte iminente do livro e da leitura como os conhecemos. Ler para quê, argumentam alguns, se temos toda uma gama de dispositivos os quais, de um modo geral, facilitam, agilizando, a vida contemporânea, e a um simples toque posso ter, a qualquer momento, acesso a uma pluralidade de informações sequer imaginadas pelos nossos antepassados? O texto literário, então, é pura perda de tempo, declaram outros, trata-se apenas de um passatempo, é atividade para quem não tem muito que fazer, ou para os que devaneiam. Na sociedade do espetáculo, é a imagem que conta.

No entanto, o valor da leitura, especialmente a literária, apesar dos moderníssimos *tablets*, *smartphones*, *e-books* etc., não pode ser descartado, já que é por meio dela que procuramos esclarecer os mistérios do

<sup>1</sup> Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF).



mundo, saciar a nossa curiosidade e ampliamos nosso contato com os objetos mais sofisticados da cultura escrita, ainda que esta seja tida muitas vezes, inapropriadamente, como uma cultura de elite.

Conforme adverte Paulino, em seu texto sobre algumas especificidades da leitura literária,

*é preciso assumirmos que habilidades exigidas na leitura literária são habilidades cognitivas, além de serem habilidades de comunicação, no sentido de habilidades interacionais e também afetivas.*  
(2005:59)

A leitura literária, portanto, é uma competência social relevante, relacionada ao desenvolvimento crítico e criativo do ser humano. Assim, quando Manoel de Barros, na sua poética, afirma

*A maior riqueza do homem é a sua incompletude.*

*Nesse ponto sou abastado.*

*Palavras que me aceitam como sou – eu não*

*aceito.*

*Não aguento ser apenas um sujeito que abre*

*portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às seis horas da tarde, que vai lá fora,*

*que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.*

*Perdoai.*

*Mas eu preciso ser Outros.*

*Eu penso renovar o homem usando borboletas.*

*(2002b:79)*

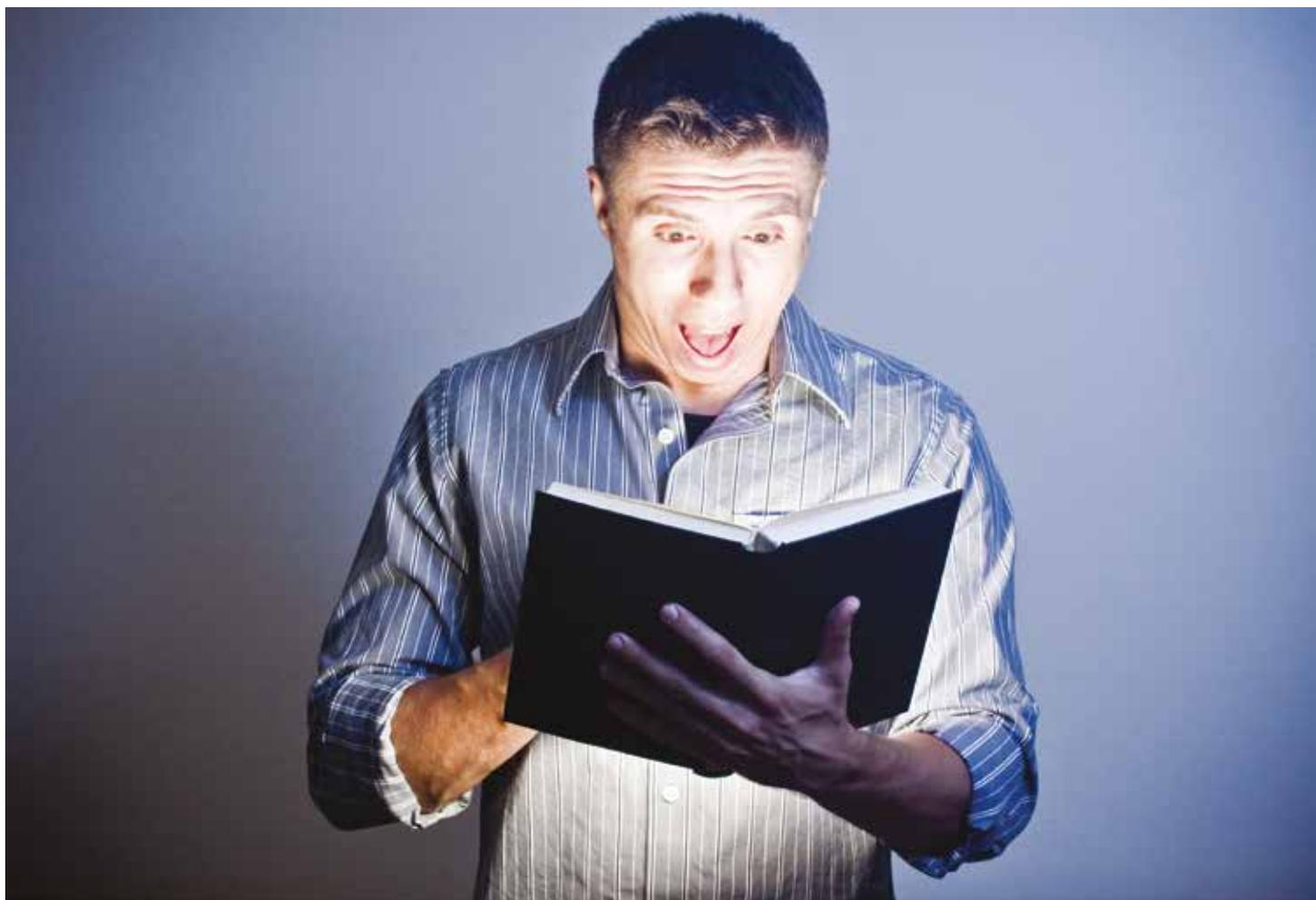
Ele fala não apenas de si, do mundo das coisas que não suporta, das suas necessidades existenciais, da sua atitude diante da vida, do ato de criar, revelando, dessa

maneira, suas experiências, seus anseios, suas crenças, suas inquietações, deixando entrever seu coração de poeta, ele é porta-voz de todos nós, seres deste planeta.

A proposição geral: “*a maior riqueza*”, o maior luxo, o maior potencial produtivo, do ser humano reside na sua “*incompletude*”, na sua humanidade, no fato de lhe faltar acabamento, precisão. Alguma coisa está sempre se construindo, transmutando-se em um permanente vir a ser na sua insatisfação.

Como a perfeição é um dos ideais humanos (quantos de nós não se acham perfeitos?), essa afirmação propicia um certo estranhamento, causa impacto em quem lê o poema, espicaça a curiosidade do leitor, despertando o seu interesse, ao desafiá-lo a rever certezas sedimentadas.

Sob essa premissa, Barros se considera um homem rico, “abastado”, pleno, na sua falta de completude, consciente de que, paradoxalmente, na imperfeição, reside a perfeição, pois “a mais perfeita lâmina de uma espada, vista ao microscópio, será somente uma série de reentrâncias” (Tsé, 1987:43-44).



Declara não aceitar as palavras que o “*aceitam*” simplesmente, sem luta, as palavras incorporadas ao repertório das pessoas, de forma automática, acomodadas nos lugares-comuns, nos clichês, acostumadas nos sintagmas cristalizados da linguagem, sem brilho, as que tiveram a densidade semântica esvaziada, fazendo lembrar a poesia *O lutador*, de Carlos Drummond de Andrade:

*Palavra, palavra / (Digo exasperado), / se me desafia, / aceito o combate. / Quisera possuir-te / neste descampado, / sem roteiro de unha / nessa pele clara. / Preferes o amor / de uma posse impura / e que venha o gozo / da maior tortura. (1979:147-148)*

Seu gosto é pela palavra reinventada, recuperada, reelaborada liricamente, reveladora de outras realidades íntimas, essenciais, invisíveis, secretas, primordiais, porque “*é preciso transver o mundo*” (2002a: 75).

Recusando-se a perder a sua essência humana – em constante construção – a se reificar, ou seja, a se tornar somente uma coisa, o poeta não suporta se limitar, “*apenas*” à execução das ações rotineiras, repetitivas, executadas de maneira automática, feitas sem pensar, concretizadas nas experiências do cotidiano, como: sair, “*abre portas*”; satisfazer necessidades fisiológicas, “*puxa válvulas*”; preocupar-se com o tempo, “*olha o relógio*”; alimentar-se, “*compra pão*”; sair, “*vai lá fora*”; escrever o trivial, “*aponta lápis*”; ler o rotineiro, “*vê a uva*”; entre muitas outras atividades mecanizadas que costumamos fazer.

O poeta-personagem interrompe esse revelar-se, quebrando o ritmo do poema, ao fazer uma intervenção explícita: “*Perdoai*”. Pede desculpas ao leitor, talvez por sua impaciência, por não tolerar atividades maquinais, talvez pela inconfidência feita, talvez por sua personalidade múltipla, mantendo, respeitosamente, um certo afastamento cerimonioso, por isso o emprego do pronome “*vós*”.

Nos versos finais, o elemento que articula opositivamente o diálogo com o leitor, “*Mas*”, expõe sua precisão, os propósitos do seu ofício, do seu viver, o seu grito em favor da alteridade. Estabelecendo uma intertextualidade com Mário de Andrade (“*Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta*”), e Fernando Pessoa e seus heterônimos (um “*eu*” facetado em vários outros “*eus*”), confessa, superando o egocentrismo, que

precisa assumir outras identidades – “*preciso ser Outros*”. Um ser que contém todos está contido em todos. Similar ao movimento contínuo do fluxo e refluxo das marés, ao se multiplicar em infinitas personas, ele se revivificará em muitos outros indivíduos.

Inconformado, incompatível com o mundo atual da massificação, querendo humanizar este mundo, cuida, “*Penso*”, em modificar, transformar, metamorfosear, “*renovar*” o ser humano (e a ele próprio), “*usando borboletas*”, tirando-as da realidade impessoal, levando o homem a alçar voos, a alcançar um outro universo, o da sensibilidade, o da expressividade, o da criação, o da poesia.

No poema, há uma tensão entre dois universos: o da “*incompletude*” – da imprevisibilidade, da criação, da constante mudança, da insatisfação reformadora, da sensibilidade; e o da completude - da previsibilidade, do cotidiano massificado, da estratificação, da acomodação, da satisfação esterilizadora, da materialidade.

UNIVERSO DA INCOMPLETUDE	UNIVERSO DA COMPLETUDE
“ <i>A maior riqueza do homem é sua incompletude.</i> ” (v.1)	“ <i>Palavras que me aceitam como sou eu não/ aceito.</i> ” (v. 3; 4)
“ <i>Nesse ponto sou abastado.</i> ” (v.2)	“ <i>Não aguento ser apenas um sujeito que abre</i> ” (v.5)
“ <i>Mas eu preciso ser Outros.</i> ” (v. 10)	“ <i>portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra</i> ” (v. 6)
“ <i>Eu penso renovar o homem usando borboletas.</i> ” (v. 11)	“ <i>pão às seis horas da tarde, que vai lá fora,</i> ” (v. 7)
	“ <i>que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.</i> ” (v. 8)

Essa tensão se concretiza no emprego do ritmo, com versos que se completam no verso seguinte, ressaltando a não acomodação do sujeito poético: “*Palavras que me aceitam como eu sou – eu não / aceito.*”; no emprego da aliteração dos fonemas /p/ e /v/, marcando a cadência repetitiva, sem afetividade das atividades diárias: “*que aponta lápis*”, “*que vê a uva*”.

O embate também se explicita no emprego do paralelismo que reforça o ritmo do poema e remete ao que é sempre igual, rotineiro; na repetição de palavras, como a do pronome “*que*”, enfatizando a reiteração insípida dos atos ordinários do dia a dia das ações: “*que abre / portas, que puxa válvulas, que olha o reló-*

gio, que compra / pão às seis horas da tarde, que vai lá fora, / que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.”

A utilização das associações de imagem amplia também a imaginação do leitor, as palavras se encadeiam, assumem sentidos variados e múltiplos e formam o tecido de sustentação poética, ora ressaltando o jogo abstrato/concreto, ao contrastar as atividades externas cotidianas, “*abre portas*”, “*puxa válvulas*”, “*olha o relógio*”, “*compra pão*”, “*vai lá fora*”, “*aponta lápis*”, “*vê a uva*” etc. e as necessidades internas: “*Mas eu preciso ser Outros*”, ora explicitando o elemento fundador da sua poesia: “*Eu penso renovar o homem usando borboletas*”.

A aparente simplicidade da poesia, como se vê, é enganosa. No seu processo construtivo, o poeta se vale de procedimentos específicos, altamente complexos. Assim, é necessário que, para a apreensão do sentido geral desse texto, o leitor quebre preconceitos, expanda o seu horizonte de leitura de maneira consciente, estabelecendo um diálogo crítico que lhe permita compreender melhor o *estar no mundo*.

A experiência com o texto literário nos remete a um universo que compartilha novos modos de compreender a existência, a relação com os outros seres e a partilhar o mundo em que vivemos, apesar da forte mercantilização da cultura nos dias atuais. Nisso reside sua riqueza, sua importância, sua força e sua perenidade.

## **BIBLIOGRAFIA**

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 2002a.

\_\_\_\_\_. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Record, 2002b.

DRUMMOND, Carlos Drummond de Andrade. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1979.

OSAKABE, Haquira. *Poesia e indiferença*. In: PAIVA, Aparecida et al. *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PAULINO, Maria da Graça Rodrigues. *Algumas especificidades da língua literária*. In: PAIVA, Aparecida et al. *Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TSÉ, Lao. *O livro do caminho perfeito: Tao Te Ching*. São Paulo: Pensamento, 1987.